

Jornal
de
bordo:
Brasil
de
2021

**MAZÉ
TORQUATO
CHOTIL**

EDITORA PENALUX
Guaratinguetá, 2023

Voltando à pátria querida após ausência pandêmica.

Acolhida pelo cinza da noite-dia nascente.
O voo da noite avançada do dia anterior
chegou cedo.
Cuidados com o vírus,
viajantes saindo aos poucos, sob
organização da companhia.
Após mais de onze horas sentada,
andar, andar, andar
Mochila nas costas,
a mala de cabine com rodinhas me anuncia
nas retas e curvas do caminho
que me levam à saída
em hora matinal de poucos passageiros.
Outro voo derramou pessoas no caminho.
Ainda na fila dos passaportes,
controle do teste coronavírus e declaração à Anvisa,
já vistos antes da embarcação.
A mala,
entregue nas primeiras horas no outro lado do mundo,
me veio rapidamente.
Usando a conexão do aeroporto,
o carro de plataforma chegou cinco
minutos depois da chamada.

No caminho, o dia amanhecendo,
os “cheiros” do Tietê se sentindo,
enquanto se sonha com uma navegação possível.
No longo caminho, novas favelas
na beira da estrada e em cantos novos
de terrenos antes disponíveis.
A crise empurrando populações aos limites.
Esperança de dias melhores.
Os abraços esperados, por dois anos, chegaram.

Final de semana em família.

Tempo de mangas, mamão...
Seguirão os das vitaminas de frutas,
dos passeios pelas ruas do centro,
das visitas aos jornais brasileiros.

Minha mãe de mais de 90 anos
desenvolveu um gosto pela caipirinha.
Para esquecer ou não pensar no futuro?
Perder o medo do esquecimento?
Que medos lhe afligem?
poder dormir após a morte de dois filhos.

Apago-me,
esqueço as questões que vivem em
mim com vontade de sair.
Realidade, caminhada...
O irmão tem nova companheira.
O que fazem as outras?
e os inúmeros filhos?

Terceiro dia.

Manhã.

Pássaros me deram bom dia
na grande cidade
onde uma região/bolsão de verde ainda vive.
Cinza e chuva, continuação do tempo de ontem
Que programa realizar?
Choque de culturas,
diferenças nos modos de ser,
esperas desagradáveis,
angustiantes
Sentimento de incapacidade.

Na espera do material de comunicação do editor,
rever a cara da cidade, sentir pulsar seu coração.
Em direção do metrô,
calçadas melhores que as do passado,
porém, impraticáveis para cadeirante
ou carrinho de criança.
Carros velozes nas ruas tortuosas.
Ônibus transportam trabalhadores em grande número.
Alguns sentados, muitos de pé.
Céu cinza, ventre repleto,
vontade de pastéis e pão de queijo das padarias.
Ruas molhadas das águas da noite.
Águas que não enchem as securas dos rios.

No metrô, no meu campo de visão,
cinco pessoas têm telefones nas mãos,
alguém lê algo que parece um relatório.
Nenhum livro.

Na estação,
num quiosque de recarregar cartões,
três pessoas sentadas lado a lado esperam clientes.
Elevadores, banheiro e água de beber nas estações.
Na saída do metrô,
a Paulista,
com suas paineiras, seus sem tetos,
o belo Trianon com guardas em
cada esquina do seu interior.
Largas calçadas estreitas para a
quantidade de gente que desce
de suas torres na hora do almoço.

Na periferia da cidade,
onde já foi São Paulo.
No centro de um antigo mundo,
odores pútridos, vendedores de comida e roupas
na rua principal de comércio.
As mesmas desigualdades
agravadas pela crise.
Vontade intacta de mudar o mundo.
Corpos deformados pelo açúcar e sobrecarga alimentar.
As estatísticas mostram
aumento de desempregados e de sem alimentos.
Impossível ver a amiga jornalista na redação
O teletrabalho a deixou em casa.

Almoço de picadinho de frango,
que quase não sai,
na praça da alimentação.

Ver o país, sem angústias,
guiar a atenção para suas melhores coisas.
Pensando nos amigos que não verei mais
Por causa de suas partidas.

Antes da visita à mãe,

a unidade de fisioterapia
cuida do corpo da irmã.

Sala repleta.

Jovens, sobretudo anciões.

Espera, espera...

sala sempre plena.

A televisão verte propagandas

nos programas matinais de cozinha e de encontros.

Cadeiras para 30 pessoas

em espaço exíguo.

Muitos falam com outros através

de mensagens gravadas.

Curiosidade após tempos distante.

Entender a realidade do outro

sentir vibrar o país.

Fora, à procura de uma lixeira

encontrada há 400 metros, numa praça.

O espaço associativo que viu jovens

em bailes no passado,

cercado de árvores de 50 anos,

abandonado.

Sobrados e prédios se olham

passado e presente.

Uma borboleta azul passa
vindo de algum lugar do lado das árvores.

Na casa da mãe, minha mesma procura renasce.
O mesmo desejo de outra coisa.
Ela propõe comidas e bebidas
que não matam sede nem a fome de minha alma.
Em forma nas suas 9 décadas.
Lá fora, o sol apareceu.
Na cozinha,
que se protege das fortes temperaturas,
tenho frio.

Livros iluminam

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em março de 2023.
